

Ideias europeias nos trópicos:

Alice Azedo Pimenta e o Comunismo

Ricardo Japiassu

Sob este título, ao Departamento de Relações Internacionais da Faculdade Damas da Instrução Cristã, foi apresentado um segundo projeto de pesquisa, por mim liderado, dentro da vertente Relações Internacionais e História, que pretende resgatar não somente os textos inéditos em livro da escritora pernambucana Alice Azedo Pimenta (primeira metade do século XX), como estudar o veículo transmissor de suas ideias, o periódico tabloide **O Tacape**. Vale salientar que se trata de uma obra raríssima, encontrando-se um único exemplar em Pernambuco, disponível para estudos na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, inteiramente sem conservação e ainda sem processo de microfilmagem por parte da Fundação Joaquim Nabuco.

Entendi, ao visitar a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e consultar **O Tacape**, da urgência em salvar este material do desconhecimento completo da sociedade científica e civil, o mais urgentemente possível. Isto porque até mesmo as folhas do papel de seda nas quais o jornal foi impresso, dado o avanço do tempo e a falta de conservação adequada, quebram-se ante a qualquer manuseio. Quanto ao conteúdo, o que nos interessa estudar mais profundamente, aborda as questões da formação do proletariado aqui no Recife, mais precisamente, pois era onde florescia a indústria e, portanto, a massa de trabalhadores. Tanto assim que, no seu primeiro romance urbano, **O moleque Ricardo**, José Lins do Rego, transforma Alice Azedo Pimenta em uma de suas personagens.

Alice Azedo Pimenta, apontada pela escritora e pesquisadora Luzilá Gonçalves Ferreira como uma das escritoras pernambucanas do século XX, no seu compêndio a ser publicado pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), defendia, à época, uma ideologia um tanto comunista – hoje completamente desacreditada. Neste sentido, o que está em questão é discutirmos o avanço da mentalidade da autora ante o seu

tempo. Por exemplo: como, em meio a um jornal inteiramente masculino, uma mulher, com o pseudônimo de Dorina – característica do século XIX – se insurgia participando ativamente de um momento político conturbado, pois que em formação de uma nova classe social: a do operariado, dos proletários? Como absorvia estas ideias advindas da Europa? De que forma tentava transmiti-las, digo, utilizando-se de que gênero literário: o ensaio, a crônica?

São perguntas, tal muitas outras, que somente uma pesquisa científica pode responder. Neste intento, convidei quatro alunos: Daylhane Cunha, Guilherme Antônio Cavalcanti, Bruno Mesquita e Felipe Benites para integrarem o meu quadro de pesquisadores, observando aspectos distintos. O ponto de partida primeiro é o resgate dos escritos de Alice Azedo Pimenta (uma média de dez textos); depois de avaliá-los, confortar os mesmos textos com a produção masculina, de autores pernambucanos, contida em **O Tacape**, que era um jornal um tanto familiar, já que publicava textos dos senhores Raul Azedo e Joaquim Pimenta. Depois de completamente estudado cientificamente, os alunos tem como atividade produzir ensaios. Todo o material, os textos de Alice Azedo Pimenta e os ensaios dos alunos serão publicados em livro, como resultado, pela Faculdade Damas da Instrução Cristã.

Quanto à questão ideológica, enquanto líder da pesquisa, asseguro o total descompromisso com a questão do comunismo. Tanto de minha parte, quanto da parte dos alunos – já tivemos reuniões preparatórias para o início das atividades – não temos qualquer compromisso com uma ideologia completamente desacreditada. Todavia, compreendemos que, para aquela época, era de muito avanço uma mulher se insurgir no meio político e defender tal forma de pensamento político, em caráter público, muito embora os leitores compreendessem uma camada elitizada da sociedade pernambucana. Para tanto, dividimos a pesquisa, que tem duração prevista de um ano, em duas partes: **Alice Azedo Pimenta e a importação de ideologias** e **Alice Azedo Pimenta e a Imprensa**.

Em duplas, os alunos devem desenvolver os seus trabalhos, cumprindo uma carga horária de quatro horas semanais de atividades. Na pauta, constam duas entrevistas à escritora Luzilá Gonçalves Ferreira. A primeira, logo no início, no sentido

de nortear os estudos sobre a produção literária feminina em Pernambuco, tendo em vista que a escritora tem larga experiência em pesquisas e resgates sobre a temática. Segundo, com os textos de Alice Azedo Pimenta já resgatados, no sentido de avançar sobre o conhecimento pessoal da autora. Afinal, foi a Luzilá Gonçalves Ferreira que o poeta pernambucano Valdemar Lopes revelou ser esta uma das mulheres mais inteligentes do Estado, à época.

Outro ponto importante é o resgate da história de Alice Azedo Pimenta. Nesta pesquisa não faremos um ensaio específico sobre a temática. Cada aluno, a medida em que for descobrindo informações sobre a autora, a colocará no seu próprio texto, disseminando as notícias sobre a autora ao longo do ensaio. Para não haver choque de informações, teremos reuniões periódicas, onde trocaremos ideias e seremos todos ajornados sobre as descobertas e os avanços das atividades de cada pesquisador. No final, os ensaios produzidos serão lidos por todo o grupo, assegurando a inexistência de repetições de notícias nos respectivos escritos. Ainda, um dos alunos ficará responsável por tentar encontrar alguém da família da escritora em foco, entrevistar e colher alguma foto indispensável à publicação final.

Outro ponto positivo da pesquisa é que, com o final da nossa primeira atividade PIBIC-Damas, que resgatou crônicas de viagem de José do Patrocínio, o nosso Departamento de Relações Internacionais, dentro da vertente Relações Internacionais e História, mantém as atividades de investigação científica, com bolsa fornecida pela própria Instituição. Vale salientar que, como proposta, apresentamos como vigência das atividades o período de outubro de 2012 a outubro de 2013. Portanto, ainda aguardamos o parecer final do chefe do Departamento de Relações Internacionais, o Cônsul de Malta, Thales Castro, bem como da diretora da Faculdade Damas da Instrução Cristã, Irmã Mirian Vieira. Acreditamos, entretanto, na viabilidade do nosso projeto.

José do Patrocínio – Quanto à nossa primeira pesquisa, na qual tivemos como bolsistas os alunos Daylhane Cunha, Matheus Muniz, Victor Anunciação e Wolney Rocha, o livro intitulado **Içar Velas – José do Patrocínio e o Nordeste brasileiro** já se encontra em fase de acabamento. Isto é, sendo feito a apresentação, o prefácio, o

posfácio e a orelha do livro, bem como a contracapa. Duas imagens, uma para a capa – a do vapor São Salvador – e outra para o corpo do livro (o busto de José do Patrocínio) estão sendo adquiridas à Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Ao todo, somente entre as dez crônicas de viagem intituladas **Viagem ao Norte**, resgatadas do jornal carioca **Gazeta de Notícias** e os ensaios dos alunos já contamos com cem páginas digitadas e impressas em computador.

Até o final de setembro, todo o **Içar Velas** deve estar pronto, quando passaremos a contatar com as editoras que possam publicar a obra. A ideia é que o lançamento aconteça até o primeiro semestre do próximo ano. Vale salientar que todo material de José do Patrocínio resgatado da **Gazeta de Notícias** permanece inteiramente inédito em livro. Vale salientar também que as análises dos alunos, em seus ensaios, foram bastante maduras, refletindo sobre aspectos diferentes, que variam das observações sobre o gênero crônica, à variedade dos folhetins, comuns aos jornais do século XIX. Saliento, sobretudo, a importância desta pesquisa, como sendo a primeira dentro do programa PIBIC-Damas oferecido pela Faculdade Damas da Instrução Cristã ao nosso Departamento de Relações Internacionais, dentro da vertente de estudos Relações Internacionais e História.

Agora, com a nova pesquisa, desta vez ainda desenvolvendo pesquisa tendo como suporte jornais de época, pretendemos mais uma vez resgatar parte da memória esquecida ou mesmo relegada da nossa história. Resgatando os textos de Alice Azedo Pimenta estamos contribuindo não somente para a conservação do patrimônio cultural de Pernambuco e do movimento proletário do Recife, nos primórdios da industrialização da Capital. Sobretudo, tecendo a memória esquecida de vultos que povoaram a nossa mentalidade em um momento específico do nosso tempo, cujo passado ainda não apagou totalmente e que, na qualidade de internacionalista, compreendendo o intercâmbio das ideias políticas europeias, podemos salvaguardar do esquecimento completo.